

PODER

Planalto articula encontro para amanhã

Gesto reforça apoio de Lula a Alcolumbre e Motta, e alimenta a expectativa de uma boa relação do governo com o Congresso pelos próximos dois anos

» FERNANDA STRICKLAND
» VÍCTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva ligou para o novo presidente do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), assim que a vitória foi confirmada em sessão ontem, no Plenário da Casa. Ele também foi rápido em parabenizar o novo presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB). Sem candidato próprio, e pequena base no Congresso, o petista decidiu entrar na costura por duas “candidaturas únicas” e sinalizou claro apoio à dupla. O chefe do Executivo quer apresentar já amanhã aos novos presidentes as prioridades de 2025 para o Congresso Nacional, que incluem pautas econômicas e outras que podem causar embate.

Aligação a Alcolumbre foi intermediada pelo líder do governo no Congresso, senador Randolfe Rodrigues (PT-AP), que passou o telefone ao amapaense assim que a votação foi encerrada e o resultado, confirmado. Na sequência, o novo comandante do Congresso atendeu o ex-presidente Jair Bolsonaro.

Lula reforçou o apoio em notas oficiais. “Caminharemos juntos na defesa da democracia e na construção de um Brasil mais desenvolvido e menos desigual, com oportunidades para todo o povo brasileiro”, escreveu o presidente, citando Alcolumbre. A Motta, disse estar “certo de que avançaremos ainda mais nessa parceria exitosa entre Executivo e Legislativo, para a construção de um Brasil cada vez mais desenvolvido e mais justo, com responsabilidade fiscal, social e ambiental”.

Ministros do presidente com mandato compareceram em peso às eleições após o chefe do Executivo exonerar 10 de seus ministros para poderem votar, três senadores e sete deputados federais — apesar de possuírem cargos como parlamentares, eles precisam se licenciar para atuar no Executivo. É praxe que o presidente envie seus auxiliares ao Congresso em votações importantes. No caso da eleição para as Mesas Diretoras, o gesto representa apoio do Planalto aos dois presidentes e a expectativa de uma boa relação pelos próximos dois anos.

Uniformizados

O ministro da Secretaria de Relações Institucionais (SRI), Alexandre Padilha, chegou nos corredores do Congresso usando um boné azul com os dizeres “O Brasil é dos Brasileiros”, e distribuiu para outros ministros, como Carlos Fávaro (Agricultura) e Camilo Santana (Educação), ambos senadores. Segundo Padilha, a iniciativa foi do ministro da Secretaria de Comunicação Social (Secom), Sidônio Palmeira, em contrapartida ao famoso boné vermelho usado por apoiadores do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, escrito Make America Great Again (Torne a América Grande de Novo, na tradução do inglês). O líder do governo no Congresso, Randolfe Rodrigues (PT-AP), e a presidente nacional do PT, deputada Gleisi Hoffmann (PT-PR), também foram vistos com o boné.

A jornalista, Padilha afirmou que os ministros não deixaram de frequentar o Congresso Nacional, mesmo estando no Executivo. “São parlamentares, conhecem a dinâmica da Casa, têm ótimas relações com sua bancada. A gente não teria aprovado projetos fundamentais sem a participação desses ministros”, afirmou. No Senado, votaram os ministros das Agricultura, Carlos Fávaro (PSD-MT); da Educação, Camilo Santana (PT-CE); e do Desenvolvimento Social, Wellington Dias (PT-PB).

Na Câmara, além de Padilha, votaram os ministros das Comunicações, Juscélino Filho (União-MA); do Desenvolvimento Agrário, Paulo Teixeira (PT-SP); dos Esportes (PP-MA); de Portos e Aeroportos, Silvío Costa Filho (Republicanos-PE); do

Ed Alves/CB/DA Press



Alcolumbre recebeu telefonema de Lula minutos após vitória. Bolsonaro também ligou para senador



Parabéns ao senador Davi Alcolumbre pelo novo mandato na Presidência do Senado e do Congresso Nacional. Um país cresce quando as instituições trabalham em harmonia. Caminharemos juntos na defesa da democracia e na construção de um Brasil mais desenvolvido e menos desigual, com oportunidades para todo o povo brasileiro. Um forte abraço."

"Parabenizo o deputado Hugo Motta pela sua eleição para a Presidência da Câmara dos Deputados. Estou certo de que avançaremos ainda mais nessa parceria exitosa entre Executivo e Legislativo, para a construção de um Brasil cada vez mais desenvolvido e mais justo, com responsabilidade fiscal, social e ambiental. Um forte abraço."

Notas oficiais do presidente Lula aos novos presidentes do Congresso

Turismo, Celso Sabino (União-PA); e do Trabalho, Luiz Marinho (PT-SP). Todos escolheram Alcolumbre ou Motta, sob orientação de Lula. Apenas as ministras do Meio Ambiente, Marina Silva, e dos Povos Indígenas, Sonia Guajajara, que também são parlamentares, não foram licenciadas para evitar votos contrários ao governo.

O líder governista na Câmara, José Guimarães (PT-CE), destacou o gesto do presidente. “Não é problema de (falta de) voto, era para mostrar que todos eles, ministros

do presidente Lula, viriam para fortalecer a eleição de Hugo Motta”, disse a jornalistas. Padilha, por sua vez, também citou o apoio a Alcolumbre e disse que o governo espera ter boa relação com ambos.

Melhor relação

Com Motta, o governo espera um trato melhor do que com o ex-presidente Arthur Lira (PP-AL) — o deputado do União tem perfil mais conciliador, em comparação com Lira, que protagonizou

embates com o Executivo mais de uma vez, ameaçando pautar matérias-bomba e criando Comissões Parlamentares de Inquérito (CPIs) sensíveis para o governo. Por sua vez, há preocupação com Alcolumbre, que substituiu Rodrigo Pacheco (PSD-MG) no Senado. Ele tem perfil mais duro, enquanto Pacheco era bastante próximo do governo.

Na área econômica, Padilha citou o Acredita Exportação, com benefícios para pequenos e médios empreendedores que querem exportar seus produtos, e a isenção do Imposto de Renda de quem ganha até R\$ 5 mil por mês. Também é prioridade a proposta que obriga militares a irem para a reserva se quiserem ocupar cargos públicos.

“Conversamos com o senador (Jorge) Kajuru (PSB-GO), junto com o vice-presidente (Geraldo) Alckmin, junto com o ministro (José) Múcio (da Defesa). O presidente decidiu solicitar que entre na pauta o mais rápido possível. É uma PEC que estabelece, adequa a regra no Brasil às principais democracias do mundo”, contou Padilha. Além disso, o governo prepara uma nova regulamentação das redes sociais, e quer dar andamento à regulamentação da Inteligência Artificial, aprovada no ano passado no Senado e que agora irá para a Câmara.

Questionado se as eleições do Congresso abrem espaço para a reforma ministerial, que está sendo discutida no governo, Padilha disse que vai conversar com os líderes partidários. “Isso não significa necessariamente que vai culminar em uma reforma ministerial, mas, passada a eleição para as duas presidências, abre espaço para esse diálogo”, explicou.

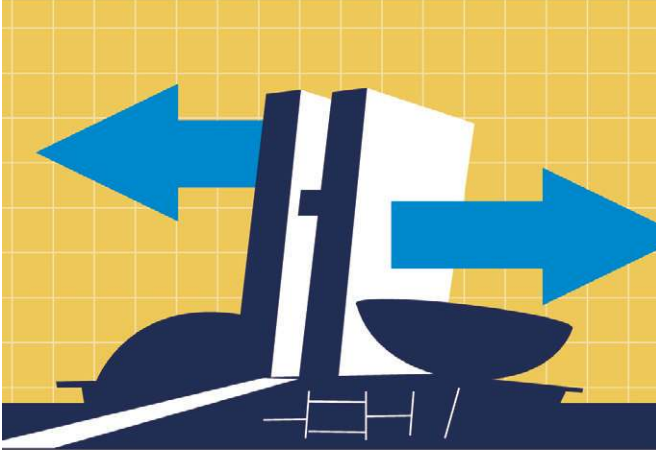
NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br

pacífico



Paci

Nova geração assume comando do Congresso

A eleição de Davi Alcolumbre (União-AP) e de Hugo Motta (PR-PB) ao comando do Senado e da Câmara, ontem, respectivamente, no contexto de uma ampla coalizão de partidos, que vai do PT do presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao PL, representa também uma mudança de geração na elite política do país, que consolida a hegemonia dos políticos do Norte e Nordeste na Casa, com uma orientação fortemente vinculada aos partidos do Centro.

Alcolumbre, que volta ao comando de Senado, tem 47 anos e foi eleito com uma votação consagradora, obtendo 73 votos, apenas três a menos do que o mais longo e mais importante político que presidiu a Casa depois da redemocratização, o ex-presidente José Sarney (MDB). Fez uma carreira meteórica, pois chegou à Casa em 2015 e, quatro anos depois, elegeu-se presidente do Senado pela primeira vez, o mais jovem da história. Judeu de origem marroquina, sua família é dona de postos de gasolina, emissoras de tevê (Band e SBT) e negócios agropecuários (terras, pecuária, papel e celulose).

Aos 35 anos, Motta ascende ao comando da Câmara, como o mais jovem presidente da Casa. Entretanto, aos 21 anos cumpriu seu primeiro mandato como deputado federal eleito pela Paraíba. Sua cultura política é a das velhas oligarquias nordestinas, adquirida na convivência com o avô, Nabor Wanderley da Nóbrega, que foi prefeito de Patos, e seu pai, Nabor Filho, que é o atual prefeito, pela quarta vez. A avó materna, Francisca Mota, foi deputada estadual por seis mandatos e, também, foi prefeita da cidade.

Entretanto, ambos são hábeis articuladores, com forte atuação nos bastidores das duas casas. São considerados políticos de diálogo fácil e confiáveis pelos pares, com alianças robustas com os velhos caciques de suas respectivas legendas. Alcolumbre tem uma aliança estratégica com o senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), que o sucedeu por quatro anos. Reassume o comando da Casa, tendo como vice o senador Eduardo Gomes (PL-TO), grande artífice da sua aliança com a ala bolsonarista liderada pelo senador Rogério Marinho (PL-RN).

Eleito com 444 votos, por um plenário de 513 deputados, Motta é muito ligado ao presidente do PP, senador Ciro Nogueira (PI), e ao ex-deputado Eduardo Cunha (PR), ex-presidente da Câmara que teve o mandato cassado pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Não era o preferido de Arthur Lira, que fracassou no projeto inicial de fazer o deputado Elmar Nascimento (União-BA) — que não conseguiu se viabilizar —, assim como Marcos Pereira (SP), presidente de seu partido, que indicou seu nome. O futuro do ex-presidente da Câmara é muito incerto, tanto pode voltar à planície, como Aécio Neves (PSDB-MG) e Arlindo Chinaglia (PT-SP), que também já comandaram a Casa, ou fazer parte do governo Lula após a reforma ministerial.

No comando da Câmara por quatro anos, Lira protagonizou uma mudança radical no relacionamento entre Câmara dos Deputados com o Executivo, sobretudo quanto ao Orçamento da União. A ampliação das emendas parlamentares, com aumento substancial na destinação de recursos por parte dos deputados, reduziu a dependência das bancadas federais em relação ao Executivo e aos seus próprios partidos, e gerou um contencioso com o Supremo Tribunal Federal (STF) por causa do chamado “orçamento secreto”.

Impasse existencial

Essa contencioso institucional é existencial. Em minoria no Congresso, o governo perdeu o monopólio do Orçamento; o Congresso ampliou seu controle sobre a agenda legislativa e a execução de investimentos federais, pulverizados por interesses fisiológicos, práticas clientelistas e recrudescimento do patrimonialismo; e o Judiciário, por sua vez, exerce um “poder moderador” de legitimidade constitucional cada vez mais contestada pelo Legislativo.

Essa tensão entre a Câmara e o Judiciário desloca o eixo de relacionamento do Executivo com o Congresso para o Senado, onde Alcolumbre deve manter a corda esticada com o governo, ocupando um espaço que era de Lira. O perfil do novo presidente da Câmara é mais próximo do ex-presidente do Senado Rodrigo Pacheco, porém, sem a sua sólida formação jurídica. Motta é médico.

Desde a redemocratização, o Brasil passou por dois processos de impeachment, três grandes escândalos de corrupção (Anões do Orçamento, Mensalão e Petrolão) e a recessão de 2014 a 2016. Para alguns caciques do Congresso, chegou a hora de resolver a contradição entre um sistema de governo presidencialista e uma constituição parlamentarista. Motta e Alcolumbre estão alinhados politicamente, a ponto de terem decidido derrubar a cerca viva que separa as áreas verdes de suas residências oficiais, na Península dos Ministros. Ou seja, estão com as violas afinadas.

Ontem, no Congresso, o ministro das Relações Institucionais, Alexandre Padilha (PT-SP), como diria o velho Jamelão, estava como pinto no lixo. Sobreviveu à gestão de Lira, de quem se tornara um desafeto, o que por si só é uma proeza política. Mas isso não significa que terá vida fácil. Lula terminou seu segundo ano com 32 vetos derrubados no Congresso; das suas 133 medidas provisórias, só 20 foram aprovadas. Ninguém sabe ao certo quais foram os acordos de Alcolumbre e Motta com o ex-presidente Jair Bolsonaro, que os apoiou, mas a votação em plenário da proposta de anistia dos envolvidos no 8 de janeiro está no pacote.